



## PARA FAZER FILOSOFIA: ENSINANDO A APRENDER APRENDENDO A ENSINAR (*EPISTÉME, EUNOIA, PARRESÍA*)

Fausto dos Santos Amaral Filho<sup>1</sup>

### RESUMO

O artigo aqui resumido pretende ser uma reflexão sintética efetuada a partir do diálogo *Górgias* escrito por Platão, fundamentalmente sobre os requisitos necessários para filosofar em conjunto: *epistème, eunoia, parresía*.

*Palavras-chave:* Platão, *Górgias*, filosofar em conjunto, ensino.

### INTRODUÇÃO

Quando lemos os diálogos de Platão logo percebemos que, concomitante ao seu projeto filosófico, caminha *pari passu* não só um projeto político como, também, um projeto pedagógico, assim como uma estética, uma antropologia, uma psicologia, uma cosmologia, para pararmos por aqui. Contudo, ainda que consigamos fazer tais distinções analíticas, não podemos perder de vista a intrínseca unidade que perpassa o pensamento do Mestre da Academia, sob o risco de empobrecermos a sua filosofia. Talvez, por isso, pela diversidade de temas que podem ser reconhecidos nos escritos de Platão, quando os diversos especialistas resolvem estabelecer, em um determinado diálogo, um suposto tema específico, acabam por discordar, não entrando em acordo. Tomemos por exemplo o *Górgias*, que será o *locus* do nosso breve estudo. Se formos seguir aqueles subtítulos que, conforme Diógenes Laércio, já desde Tránsito de Alexandria acompanham algumas edições dos diálogos de Platão, teremos que afirmar que, no *Górgias*, o filósofo trata *da retórica* (Diogenes Laertius, 3. 32). No entanto, a julgar pelas palavras de Olimpíodoro, já na antiguidade havia dúvidas quanto à sua temática (Olympiodorus, 1998, p. 57). Dúvidas essas que, ao que tudo indica, os mais próximos de nós no tempo ainda não dirimiram. Pois, se para Magalhães-Vilhena, trata-se de “uma apologia apaixonada da justiça”

<sup>1</sup> Professor Adjunto da Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba/PR/Brasil. Pesquisador do PPGED – Mestrado e Doutorado da UTP faustodossantos@bol.com.br





Para fazer filosofia: ensinando ... - Fausto dos Santos Amaral Filho

(Magalhães-Vilhena, 1998, p. 237), para Grube é mesmo “uma discussão sobre a retórica e o seu papel dentro do Estado”(Grube, 1997, p. 91). Já para Crombie, diferentemente, “o tema do Górgias é o poder” (Crombie, 1988, p. 260). Porém, no momento, deixemos tal questão para os especialistas, ocupando-nos com algo mais singelo; sem deixarmos de considerar a *integralidade orgânica* dos textos de Platão<sup>2</sup>, foquemos o nosso olhar naquilo que, no *Górgias*, o filósofo tem a nos dizer sobre o processo de ensino/aprendizagem.

## 1 ENSINANDO A APRENDER APRENDENDO A ENSINAR

Ainda que Gramsci, reverberando o *Protrético* de Aristóteles, tenha razão ao nos dizer que a filosofia é inerente à condição humana, e, portanto, movemo-nos, de uma forma ou de outra, sempre no horizonte do filosofar (Gramsci, 1991), também é certo que o ensino formal de filosofia tem lá as suas especificidades e, com isso, exigências próprias inerentes à efetivação do seu processo. No mais das vezes, pensando no ensino universitário, quem procura uma graduação em filosofia possui um grande interesse em, entrando em contato metódico com a produção filosófica da tradição, aprender a pensar filosoficamente de maneira mais acurada. O que, por estranho que possa parecer, não é inexoravelmente garantido àquele que faz um curso de filosofia. Pois, como Heidegger nos diz:

O fato de mostrar-se um interesse pela filosofia ainda não revela, de modo algum, uma disponibilidade para o pensamento. Mesmo que durante anos e anos nos ocupemos aplicadamente com os volumes e os escritos dos grandes filósofos, isso ainda não nos garante que realmente pensamos ou mesmo que estejamos dispostos a aprender a pensar. A ocupação afanosa com a filosofia pode, de modo mais caturro e cego, iludir-nos com a aparência de que pensamos porque, ora, afinal “filosofamos” (HEIDEGGER, 2002, p. 113).

**Portanto, como se vê, tanto daquele que tem a pretensão de ensinar filosofia, quanto daquele que quer aprender a filosofar,**

<sup>2</sup> Para o conceito de integralidade orgânica aplicado às obras de Platão, pode-se ver: AMARAL F<sup>o</sup>, Fausto dos Santos. A Filosofia de Hegel e a Poesia de Platão, ou ainda, Integralidade Orgânica: para uma hermenêutica dos diálogos de Platão. In: Dialética e Metafísica: o legado do Espírito. Festschrift em homenagem a Paulo Meneses. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2010.





Para fazer filosofia: ensinando ... - Fausto dos Santos Amaral Filho

exige-se algo para além do mero interesse, exige-se uma decisão. Mas quem é que tem autoridade para fazer tal exigência? Ora, a própria filosofia, a tarefa do pensamento em tarefa.

Mas será que em sala de aula é possível vigorar tal decisão? Bem, o mais provável é que sim. Talvez a sala de aula seja até mesmo o lugar privilegiado onde a filosofia possa se instaurar com todo o seu vigor; desde que sejam postas as condições de possibilidade para que o pensamento possa efetivamente acontecer. Aqui, para compreendermos tais condições, é certo que Platão pode nos ajudar, mais especificamente, com seu diálogo intitulado *Górgias*, onde o Mestre da Academia parece ter se decidido definitivamente pelo filosofar. Não é por acaso que neste texto encontramos um filósofo "diferente do nosso velho conhecido dos primeiros *Diálogos*, em que a discussão terminava quase sempre em aporia" (Nunes, 2002, p. 25). No *Górgias*, Platão parece expor pelo menos uma certeza: a decisão pela filosofia; o que inclui um redirecionamento da própria vida. Talvez seja isto, a decisão propriamente dita, que dificulte o acontecer da filosofia, até mesmo em sala de aula, onde estão aqueles que a princípio se interessam pela filosofia. Mas, então, vejamos no que o *Górgias* pode nos ajudar.

Querefonte, *Górgias*, Polo, Sócrates e Cálicles são os personagens do diálogo *Górgias* escrito por Platão. Sem sombra de dúvidas, dentre eles, Cálicles é aquele que mais chama a nossa atenção. Poder-se-ia mesmo dizer que ele, e o filósofo, é claro, são os protagonistas do referido drama. Um indício disso é que a conversa entre os dois ocupa a maior parte da obra, toda a sua segunda metade.

Aliás, pensando bem, talvez Cálicles seja um dos personagens mais surpreendentes de todos os diálogos do Mestre da Academia. Personagem que, surpreendentemente, diferentemente da quase totalidade dos outros, não denota ser histórico algum; que Platão tenha tido a necessidade de efetivamente inventá-lo, deve falar muito a respeito dos outros personagens: os mimetizados. Ainda mais se levarmos em conta que o próprio filósofo nos diz que encontrou no seu conterrâneo o parceiro ideal para aferir a sua alma, para averiguar se a vida filosófica realmente vale à pena ou não. Ao que parece, para o autor do diálogo, faticamente não havendo ninguém, foi preciso inventar alguém que estivesse à altura de Sócrates para poder testar as suas convicções mais próprias; capaz, quem sabe,





Para fazer filosofia: ensinando ... - Fausto dos Santos Amaral Filho

de tocar nos medos mais profundos do filósofo. Talvez por isso, sob determinados aspectos, Sócrates e Cálicles sejam tão parecidos. Mas o que faz de Cálicles um personagem tão especial?

Para Sócrates, seu conterrâneo possuiria três requisitos indispensáveis para iniciar uma investigação filosófica pela confrontação das palavras: *epistême*, *eunoia* e *parresía*. Dito em português: *conhecimento*, *benevolência* e *desvergonha/franqueza*. É pela conjunção desses três requisitos que a investigação filosófica pode lograr êxito. No nosso diálogo, Górgias e Polo, os primeiros interlocutores do filósofo, mesmo tendo o *conhecimento* requerido e sendo *benevolentes*, com *vergonha* de falar em público o que realmente pensam, acabam se contradizendo, e por isso eles têm que ficar calados.

Mas qual seria o *conhecimento* necessário para se iniciar o empreendimento conjunto de uma investigação filosófica? Simples, muito simples. É preciso conhecer a especificidade mais própria da linguagem filosófica, admitindo a legitimidade do *princípio de não-contradição*. No jogo filosófico, a contradição é falta gravíssima, e, quem a comete, está fora da brincadeira. Independentemente de ser benevolente e franco. É que sem a vigência do referido princípio não há a possibilidade de conhecimento (*epistême*) algum. Por isso é preciso, antes de tudo, reconhecê-lo.

Já a *benevolência* é a *boa vontade* que se deve ter tanto em relação aos parceiros da investigação, quanto para consigo mesmo. Fazer filosofia, como indica a própria *phília* – o *amor amigo* - que constitui seu nome, deve incluir, portanto, uma boa dose de *afetividade*. Pois, sem que um se importe verdadeiramente com o bem do outro, o saudável confronto filosófico corre o risco de virar um jogo estéril das palavras pelas palavras. E, na filosofia, ainda que não se efetive sem as palavras, o que está em jogo é a alma, ou, mais precisamente, a *intelecção epistêmica* de quem filosofa.

O terceiro requisito nomeado, a *desvergonha*, é a coragem de se expor, revelando efetivamente o que se pensa. É a ousadia de não se esconder atrás das palavras, usando-as, sim, com *franqueza* para desnudar-se. Coisa que, tanto o tímido quanto o hipócrita, por razões diferentes, não conseguem fazer. Contudo, a dissimulação do hipócrita confirma um conhecimento. O conhecimento daquilo mesmo que, aos seus olhos, não convém revelar. No *Górgias*, essa é a conduta que mais tipifica as relações políticas nas democracias-retóricas de então. Já o tímido, se não vencer seu medo da exposição





Para fazer filosofia: ensinando ... - Fausto dos Santos Amarel Filho

pública, jamais saberemos o que ele realmente pensa. Com o que, não fazendo lance algum no jogo filosófico, em nada contribui para a investigação. Para fazer filosofia não se deve temer muitas coisas, inclusive o ridículo. Até mesmo porque, como revela a piada sobre a queda de Tales de Mileto no buraco, contada por Platão no *Teeteto*, é sempre a escrava da Trácia quem ri do filósofo.

Desde Platão, ainda hoje, uma das formas mais produtivas de investigação filosófica é lecionar filosofia. Não foi por menos que o Mestre fundou uma escola, a Academia. A Academia é antes de tudo um estabelecimento de investigação filosófica. Por isso é que lá, também, leciona-se filosofia. Muito se engana quem pensa que aquele que ensina filosofia, se é que ensina, não está sempre e constantemente, em sala de aula, conjuntamente, aprendendo a filosofar. Do ponto de vista platônico, aprender a filosofar é tarefa para uma vida. Mas, para tanto, como vimos, é fundamental que os três requisitos, *epistême*, *eunoia* e *parresia*, também estejam conjuntamente presentes dentro das nossas salas de aula, na mente de todos os envolvidos no processo pedagógico em questão. O que, como se fora um diálogo de Platão, naturalmente, nem sempre é o caso.

Para os neófitos, evidentemente, quase tudo é novidade, quase tudo estranhamento. Para usarmos a imagem do nosso filósofo, soltar-se dos grilhões que nos prendem a habitualidade do senso comum, rompendo com os modos de pensar da maioria, sendo forçado "a subir o caminho rude e íngreme" (*Rep.*, 515 e) da filosofia, efetivamente, não é nada fácil: tanto para o professor quanto para o aluno. Estando ambos em situação difícil, compreende-se porque a *benevolência* é requisito fundamental para os que, em conjunto, filosofam. Pois, sem o mínimo de boa-vontade, de disposição para tomar, no passo certo, o rumo adequado, o mais provável é que não se chegue a sair do lugar.

É porque ocupam, em sala de aula, posições distintas, que um é o aluno e outro o professor. Para o iniciante é lícito esperar do mestre que ele tenha *conhecimento* suficiente para poder ensiná-lo, mostrando-lhe o caminho adequado. Para o mestre, obviamente, é lícito esperar do aluno que ele esteja disposto, de fato, a conhecer. Suportando, corajosamente, inclusive, as dores que o início desta longa caminhada certamente provocará. Já que, é sim, coberto de pedras o referido caminho. Porém, sendo este o caso, mais ainda do que o conhecimento daquilo que deve conhecer, o professor deve ter, sobretudo, a *capacidade (areté)* de transmitir o dito *conhecimento*





Para fazer filosofia: ensinando ... - Fausto dos Santos Amaral Filho

(*epistème*), inserindo o aluno na tradição. Para tanto, é claro que não pode estar intimidado, deixando de falar, com *franqueza* (*parresía*), aquilo que, necessariamente, tem a obrigação de dizer. O que, com muita frequência, pode *espantar* o aluno, deixando-o, a princípio, até mesmo confuso e inseguro. Afinal, o que se pode esperar de uma investigação na qual aquele mesmo que investiga, lançando-se ao aberto, onde “todas as margens ficam para trás” (Heidegger, 1969), está sempre em jogo, tendo a dúvida como o primeiro passo do seu método, a qual deve constantemente voltar? (Descartes, 2006).

No entanto, se para o filósofo, o *espanto* é a origem própria da filosofia, que o aluno se espante, ainda mais o neófito, isto só pode ser um bom sinal<sup>3</sup>. Sinal de que, em sala de aula, perpetua-se a origem do filosofar. Lembremos aqui de outro diálogo de Platão, o *Mênnon*, onde o homônimo personagem, um jovem que julgava ter *opiniões* corretas a respeito da condução do seu povo, ao submeter-se a *conversação filosófica* (*diáleksis*), diz que já não se sente mais tão seguro a respeito delas, antes, pelo contrário, de tão confuso, sente-se como se estivesse embriagado. É por isso que, ainda que o professor tenha a obrigação de ouvir, com *benevolência* (*eunoia*), tudo que o aluno tem benevolmente a dizer, contudo, ele não pode dizer apenas e tão somente aquilo que o aluno quer ouvir. Mesmo sabendo que “todos gostam dos discursos acomodados aos seus hábitos e se aborrecem dos que lhes são contrários” (*Górgias*, 513 c). Mas assim, aborrecendo os alunos, o professor não corre o risco de habitar uma sala vazia?

Quando alguém decide filosofar, são vários os riscos que corre. Ao extremo, lembremos de Sócrates, o filósofo exemplar que, de tanto incomodar, foi condenado à morte por seus conterrâneos. Portanto, certamente que o professor, em sala de aula, corre lá os seus riscos. Aqueles mesmos inerentes a sua profissão. Tanto quanto o aluno corre os seus. Talvez o maior de todos eles seja que o professor não consiga ensinar e que o aluno não consiga aprender. O que seria, evidentemente, um imenso fracasso. Pelo que, para evitar o fracasso, é preciso um esforço conjunto. Já que, vencer a ignorância, superando-se a si mesmo, deve ser a finalidade (*télos*) de ambos. Mas, para tanto, como pudemos ver, *conhecimento*, *benevolência* e *desvergonha/franqueza* são requisitos fundamentais, sem os quais a

<sup>3</sup> “O espanto é a verdadeira característica do filósofo. Não tem outra origem a Filosofia” (PLATÃO. Teeteto, 155 d).





Para fazer filosofia: ensinando ... - *Fausto dos Santos Amarel Filho*

investigação filosófica em conjunto dificilmente consegue avançar.

Pois então, façamos votos para que os envolvidos em tal processo pedagógico tenham os três requisitos. Pelo menos o suficiente para conseguirem dar os primeiros passos. Provavelmente os mais decisivos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos ver, fazer filosofia implica colocar em jogo, antes de tudo, aquele mesmo que filosofa, quer na condição de aluno ou de professor. Assim, quando em sala de aula propomo-nos filosofar corremos necessariamente alguns riscos: que não filosofemos, apesar de falarmos sobre filosofia – ou, por isso mesmo –, talvez seja o mais iminente. No *Górgias*, Platão nos mostra as disposições básicas para que a filosofia efetivamente aconteça, desenvolvendo-se em um processo de ensino e aprendizagem em conjunto onde aquele que ensina e aquele que aprende acabam confundidos, são elas: *epistême*, *eunoia* e *parresía*, ou, dito em português, *conhecimento*, *benevolência* e *desvergonha/franqueza*. Sem que tais disposições aconteçam, ainda que preenchamos o tempo em sala de aula com a diversidade dos conteúdos filosóficos, é pouco provável que filosofemos, pois, assim, repassando assepticamente os conteúdos, dificilmente colocamo-nos conjuntamente em jogo.

Tendo isso em vista, levando-se em consideração que, ao tempo de Platão, a filosofia está longe de ser considerada apenas um ramo específico do conhecimento, constituindo, antes, a sua totalidade, bem que poderíamos ampliar a nossa breve reflexão para a totalidade dos processos pedagógicos que envolvem os conhecimentos sistematizados. Dessa maneira, não só quando filosofamos, mas quando estamos em sala de aula, de uma maneira geral, para que o processo de ensino/aprendizagem efetivamente aconteça, não esqueçamos, *conhecimento*, *benevolência* e *franqueza*, são fundamentais.

## ABSTRACT

The text intends to be a synthetic reflection carried out since Plato's *Gorgias*. Basically, about the necessary requisites to make philosophy together with others: *epistheme*, *eunoia*, *parresia*.

*Key-words:* Plato; *Gorgias*; making philosophy together; teaching.





Para fazer filosofia: ensinando ... - Fausto dos Santos Amaral Filho

## REFERÊNCIAS

AMARAL F<sup>o</sup>. Fausto dos Santos. A Filosofia de Hegel e a Poesia de Platão, ou ainda, Integralidade Orgânica: para uma hermenêutica dos diálogos de Platão. In: *Dialética e Metafísica: o legado do Espírito. Festschrift em homenagem a Paulo Meneses*. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2010.

ARISTÓTELES. *Protreptique. Invitation à la Philosophie*. Paris: Gallimard, 2006.

CROMBIE, I. M. *Análisis de las doctrinas de Platón*. 1. El hombre y la sociedad. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

DIOGENES LAERTIUS. *Live of eminent philosophers*. Vol. II. English translation R. D. Hicks. Cambridge; London: Harvard University Press, 1995.

DESCARTES, René. *Discurso sobre o Método*. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

GRAMSCI, Antonio. *Concepção Dialética da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

GRUBE, G. M. A. *El Pensamiento de Platón*. Madrid: Editorial Gredos, 1987

HEIDEGGER, Martin. *O caminho do Campo*. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

\_\_\_\_\_. O que quer dizer pensar? In: *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

MAGALHÃES-VILHENA, Vasco de. *Platão e a Lenda Socrática. A idealização de Sócrates e o utopismo político de Platão*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

NUNES, Carlos Alberto. Introdução. In: PLATÃO. *Protágoras, Górgias, Fedão*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2002.

OLYMPIODORUS. *Commentary on Plato's Gorgias*. Translated with full notes by Robin Jackson, Kimon Lycos and Harold Tarrant. Introduction by Harold Tarrant Boston: Brill, 1998.

PLATÃO. *Górgias*. Belém: EDUFPA, 2002.

\_\_\_\_\_. *Górgias*. Lisboa: Edições 70, 2000.

\_\_\_\_\_. *Górgias*. Madrid: Editorial Gredos, 1992.

\_\_\_\_\_. *Górgias*. Paris: Les Belles Lettres, 1955.

\_\_\_\_\_. *República*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

\_\_\_\_\_. *Teeteto*. Belém: EDUFPA, 2001.

Recebido em: fevereiro de 2011

Publicado em: maio de 2011

